

Uma nota sobre o padrão entoacional das sentenças VS em português brasileiro

Izabel Christine Seara
Maria Cristina Figueiredo Silva*
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



RESUMO – A literatura especializada assume que a ordem VS no português brasileiro (doravante PB) está em vias de desaparecimento. No entanto, há construções em que esta ordem é obrigatória, como no caso de sentenças com o verbo ter existencial ou o verbo dar em exemplos como os de (1) abaixo:

- (1) a. Tinha uma luva no armário
- b. Deu o número na loto

Nosso objetivo aqui será tentar estabelecer o(s) padrão(ões) entoacional(ais) das sentenças apresentadas em (1) a fim de compará-lo(s) com o(s) padrão(ões) entoacional(ais) das sentenças em (2), para as quais se assume na literatura que a ordem SV é largamente preferida:

- (2) a. Surgiu um cometa no céu
- b. Faltou o aluno na reunião

O experimento consiste na leitura de sentenças em contextos “neutros” (como manchetes de jornais) e em situações de elicitación após uma pequena estória que fornece, ao seu final, os itens lexicais relevantes para serem usados pelo informante. A tentativa aqui é a de verificar também se há diferenças significativas em padrões entoacionais obtidos via leitura ou via produção (quase) espontânea. Com este experimento, esperamos mostrar os possíveis padrões entoacionais de sentenças VS em PB com os diferentes tipos de verbos inacusativos.

Palavras-chave – padrão entoacional; ordem VS; português brasileiro.

ABSTRACT – In the specialized literature, it is assumed that the VS order in Brazilian Portuguese (henceforth BP) is going to disappear. However, there is a

* Bolsista CNPq PQ-II, Processo nº 312303/2006.

number of constructions in which this order is mandatory. This is the case of sentences with the existential verb *ter* or the verb *dar* in examples as (1) below:

- (1) a. Tinha uma luva no armário
/There was a glove in the wardrobe/
b. Deu o número na loto
/It was picked out (by lot) the number in the lottery

Our purpose is to establish the intonational pattern(s) of the sentences presented in (1) in order to compare it (them) with the intonational pattern(s) of the sentences in (2), for which it is assumed in the literature that the SV order is largely preferred:

- (2) a. Surgiu um cometa no céu
/It appeared a comet in the sky/
b. Faltou o aluno na reunião
/It was absent the student in the meeting/

The experiment consists of reading in “neutral” contexts (as newspapers headlines) as well as to elicit after a short story at the end of which the relevant lexical items are presented to the informant. The experiment is also trying to verify whether there are differences in the patterns obtained from reading or from (qua-si-) spontaneous production. In this way, we expect to show the possible intonational pattern(s) of VS sentences in BP with different kinds of unaccusative verbs.

Key words – intonational patterns; VS order; Brazilian Portuguese.

Introdução

É fato amplamente reconhecido a dificuldade com que o português brasileiro (doravante PB) trata da ordem VS. Uma vasta literatura¹ tem tentado estabelecer em que condições a ordem VS ainda seria aceita. Basicamente, a generalização é que VS só se encontra em PB com verbos monoargumentais, em especial inacusativos, e também preferencialmente nos casos em que o único argumento nominal é um indefinido.

No entanto, igualmente é fato que um certo tipo de sentenças exige VS; dito de outro modo, há sentenças em que simplesmente não é possível haver a alternância SV/VS, como mostra (1) abaixo – chamemos a este tipo VS obrigatório:

- (1) a. Tem/há um homem no portão.
b. * Um homem tem/há no portão.

¹ Para citar apenas os trabalhos no arcabouço paramétrico, temos o de Kato & Tarallo (1988, 2003), os de Kato (2000, 2002), para não mencionar o clássico trabalho de Berlinck (1988). À parte estes, também regionalmente temos estudos sobre VS, por exemplo, Coelho (2000) sobre inversão no português brasileiro falado em Santa Catarina.

Assim, parece haver uma diferença crucial no seio das sentenças monoargumentais: há as sentenças que admitem a ordem VS mas não admitem a ordem SV e há as que admitem tanto a ordem VS quanto a ordem SV, como em (2).

- (2) a. Chegou o carteiro no portão.
- b. O carteiro chegou no portão.

Note-se que, a tirar pelo que toda a literatura sobre VS no PB aponta, as sentenças que contêm verbos como *chegar* em (2) preferem largamente a ordem SV. Adicionalmente, este deve ser o tipo de verbo inacusativo majoritário na língua quando comparado ao tipo exemplificado em (1), de modo a fornecer o resultado estatístico reportado na literatura. Chamaremos ao tipo de construção em (2) de VS não-obrigatório.

A obrigatoriedade da ordem em (1a) mostra que VS não é em princípio uma construção excluída do PB, nem sintática nem entoacionalmente. Assim, a primeira pergunta que queremos fazer é se existem diferentes padrões entoacionais para as sentenças (1a) e (2a), isto é, se sentenças como (1a) dispõem de algum contorno entoacional que não está disponível para (2a) e vice-versa. É possível nos perguntarmos também se há alguma diferença em termos de padrão(ões) entoacional(is) entre as sentenças quando são ditas (quase) espontaneamente ou quando são lidas. Estamos, portanto, nos perguntando se internamente a cada um dos tipos de VS – obrigatório e não obrigatório – é possível notar alguma diferença na entoação das sentenças dependendo de serem lidas ou produzidas (quase) espontaneamente.

Finalmente, gostaríamos de iniciar uma investigação sobre o estatuto do sintagma preposicional (doravante PP) nos dois tipos de estrutura, dado que a sua presença em (1a) parece favorecer significativamente a gramaticalidade da estrutura, mas em (2a) a sua presença não parece ser decisiva para a aceitabilidade da sentença – talvez a presença de um PP em posição pré-verbal seja um fator favorecedor de VS em PB (cf. Coelho, 2000), mas não em posição final. Por enquanto, vamos nos limitar a observar que tipos de movimentos de *pitch* se realizam sobre o PP em cada tipo de sentença VS.

Resumidamente, as questões que queremos responder são:

- 1 Existem dois padrões entoacionais na produção de VS?
 - 1.1 Se sim, eles se correlacionam com a diferença entre VS obrigatório e VS não obrigatório?
 - 1.2 Se sim, eles se correlacionam com a diferença entre frase lida e produção quase espontânea?

- 1.3 Se existem, a prosódia do PP se diferencia nos contextos de VS obrigatório e de VS não obrigatório?
- 2 SV é de fato preferida a VS nos contextos testados em (2)?

1 Os testes idealizados

Para a montagem do *corpus* que será investigado aqui, optamos por dois experimentos diferentes: um de leitura e outro de elicitación de sentenças, que visa obter um tipo de produção (quase) espontânea. Por trás dessa diferença de procedimentos, está a suspeita de que pode haver diferenças na entoação de sentenças lidas e sentenças ditas (quase) espontaneamente (cf. Esser, 1988).

Já constatamos que o experimento de leitura não fornece resultados interessantes se o informante tiver diante de si uma lista de frases para serem lidas como manchetes de jornal. A tendência em situações como esta é que o informante leia a lista de frases como uma lista mesmo e daí o experimento não é revelador da entoação dita “neutra”. Optamos então por utilizar o *power point* apresentando as frases ao informante por tempo suficiente para permitir-lhe a leitura silenciosa; em seguida, as frases são apagadas, momento em que ele deve então elocucioná-las. Imaginamos que assim o resultado será mais próximo da leitura singular de cada frase – e, portanto, como a leitura de uma manchete de jornal.

Por outro lado, se queremos elicitare sentenças, é conveniente fazê-lo antes de fazer o experimento de leitura, a fim de não influenciar o informante com a apresentação prévia das estruturas que queremos obter. Para essa primeira parte do experimento, optamos por construir pequenas histórias que ao final apresentavam um conjunto de itens lexicais (que surgiam nas telas do *power point* em ordem aleatória, vindo de diferentes direções: da esquerda para a direita, de baixo para cima, etc.) com o qual o informante deveria construir a frase resposta.²

O experimento procurou balancear o número de estruturas com VS obrigatório, como (1), e com alternância VS/SV, como (2). Igualmente, procuramos balancear o número de DPs definidos, indefinidos e “nus”, dada a observação, feita pela literatura sintática de que há preferência clara de DPs indefinidos na ordem VS.

² Solicitamos na verdade duas respostas: uma com o PP sugerido nos itens e outra sem ele. O informante deveria formar em primeiro lugar a sentença que lhe parecesse mais natural (por exemplo, com o PP) e depois deveria formar a frase menos natural para ele (que então seria a sentença sem o PP, por exemplo). No entanto, como apenas uma informante mostrou esporadicamente preferência pela ordem VS sem o PP na produção quase-espontânea, retiramos a escolha entre VS e VSPP do nosso estudo.

O experimento procurou também privilegiar a presença de elementos vozeados, para tornar a curva de contorno de *pitch* mais visível e facilitar a análise do padrão entoacional. Para fugir dos efeitos microprosódicos, procuramos evitar a presença excessiva de plosivas. No entanto, deve-se notar que, a um certo ponto, satisfazer a todas as exigências fonológicas, sintáticas e discursivas (isto é, de plausibilidade das estórias apresentadas) é absolutamente impossível.

Para o presente trabalho, não estão contemplados todos os dados que foram colhidos, por diversas razões. Por exemplo, excluímos os DPs “nus” por conta de uma certa dificuldade que os falantes demonstraram em encaixá-los nas sentenças – talvez um problema do próprio experimento, porque é efetivamente difícil montar um pequeno contexto em que eles apareçam de maneira natural.

Assim, o conjunto final de produções que está sendo considerado neste trabalho é: em produção quase espontânea, 4 situações em que VS era obrigatório e 5 em que não era; em produção de leitura, a série contendo essas mesmas 9 sentenças, todas com a ordem VS. Será considerada a produção de quatro informantes do sexo feminino, com idade entre 20 e 35 anos, todas com grau universitário, duas delas “inexperientes” nesse tipo de teste. O número total de dados examinados, então, é de $9 \times 2 \times 4 = 72$ dados.

As sentenças lidas e as sentenças-resposta esperadas no experimento de elicitación de frases são as seguintes (quando se trata de VS não-obrigatório evidentemente as sentenças elicitadas podem apresentar a ordem SV):

- *VS Obrigatório*
 - F1: Deu o número na loto
 - F2: Tem/tinha o coveiro na cidade
 - F3: Deu uma doença na banana
 - F4: Tem/tinha uma luva no armário
- *VS não-obrigatório*
 - F1: Nasceu um menino no sítio/Um menino nasceu no sítio
 - F2: Surgiu o marido na festa/O marido surgiu na festa
 - F3: Faltou o aluno na reunião/O aluno faltou na reunião
 - F4: Surgiu um cometa no céu/Um cometa surgiu no céu
 - F5: Falta/faltou um livro no armário

Um exemplo do tipo de estória que idealizamos para servir de contexto para o falante inserir a sentença a ser construída por ele pode ser apreciada em (3) a seguir:

- (3) Todo mundo sabia que o João há anos jogava o mesmo cartão na loteria, esperando o dia de acertar. Pois um belo

dia ele sumiu. Quando alguém perguntou pra vizinha o que tinha acontecido com ele, ela riu e respondeu:

Itens lexicais: na loto, o número, deu
(Frase esperada: Deu o número na loto)

Uma última observação sobre a constituição do *corpus* diz respeito ao controle de certas variáveis discursivas: optamos por não incluir nenhuma frase que apresentasse foco contrastivo em qualquer de seus constituintes. Procuramos sempre favorecer a situação apresentacional nos testes, na tentativa de que não houvesse diferenças com relação ao estatuto informacional dos constituintes das sentenças – por exemplo, se o DP sujeito é foco informacional ou tópico discursivo.

2 Metodologia de análise

Para fazermos a leitura dos eventos tonais que caracterizam as estruturas em análise, baseamo-nos na descrição empregada na Fonologia Entoacional, segundo Ladd (1996), Frota (1998), Tenani (2002), dentre outros. Por essa abordagem, a frequência fundamental (F_0) é vista como uma seqüência de eventos fonológicos discretos, podendo ser descritos por sua forma ou direção (Ladd, 1996). Ainda segundo esta teoria, dois são os tipos de eventos: os acentos tonais (*pitch accents* – por exemplo, *High (H)* e *Low (L)*) e os tons de fronteira (*boundary tones* – por exemplo, *L%* e *H%*). No entanto, como as sentenças em análise são declarativas neutras, descrevemos apenas os acentos tonais, sem nos atermos aos tons de fronteira neste momento.

Ainda, na tentativa de uniformizar ao máximo as leituras dos eventos tonais e assim evitar diferenças nas descrições fruto de avaliações subjetivas, submetemos as sentenças gravadas ao programa Momel-Intsint for Praat/Windows de Cyril Auran. Fazer nossa descrição dos eventos baseada em sintetizadores de padrões entoacionais nos coloca em condições de chegar a uma análise mais adequada dos dados, já que descritores automáticos deste tipo sintetizam medidas acústicas de F_0 e as transformam em retas, o que facilita a análise de contorno de *pitch*. Hirst e Di Cristo (1998) fazem uso desse recurso para possibilitar a comparação do padrão entoacional do inglês com o do francês. É preciso notar, porém, que, para termos certeza absoluta da qualidade da síntese, devemos fazer várias escutas para observar se não houve alteração da frase original em relação à sintetizada.

Como resultado deste procedimento, obtivemos, via *script* processado pelo Praat, duas análises: uma com as frases mostrando a curva de contorno de *pitch* (original) apresentada pelo programa PRAAT (versão 4.1.21 de Paul Boerma e David Weenink) e a outra

sintetizada a partir das medidas acústicas processadas pelo MOMEL, o que pode ser observado na Figura 1 a seguir, que exibe a curva de contorno de *pitch* original e sintetizada da sentença “Falta um livro no armário”.

Vamos ilustrar com esta sentença o procedimento utilizado para a leitura dos eventos tonais neste trabalho. O que salta aos olhos de imediato na síntese do MOMEL é a presença de um movimento descendente inicial e dois movimentos ascendentes distribuídos na sentença. O movimento descendente representa um evento tonal L (*Low*), que termina no final da sílaba tônica de V (este é o seu alinhamento); em seguida vemos um movimento ascendente, representando um evento tonal H (*High*), que finaliza no início da sílaba tônica do DP. Também notamos um segundo movimento ascendente alinhado com o início da sílaba tônica de PP, mas com valor de *pitch* inferior ao do movimento ascendente inicial, razão pela qual tal evento aparece descrito como H!.

Assim feita, nossa análise, que está baseada nos resultados da síntese, será apresentada nas tabelas mostradas nas próximas seções.

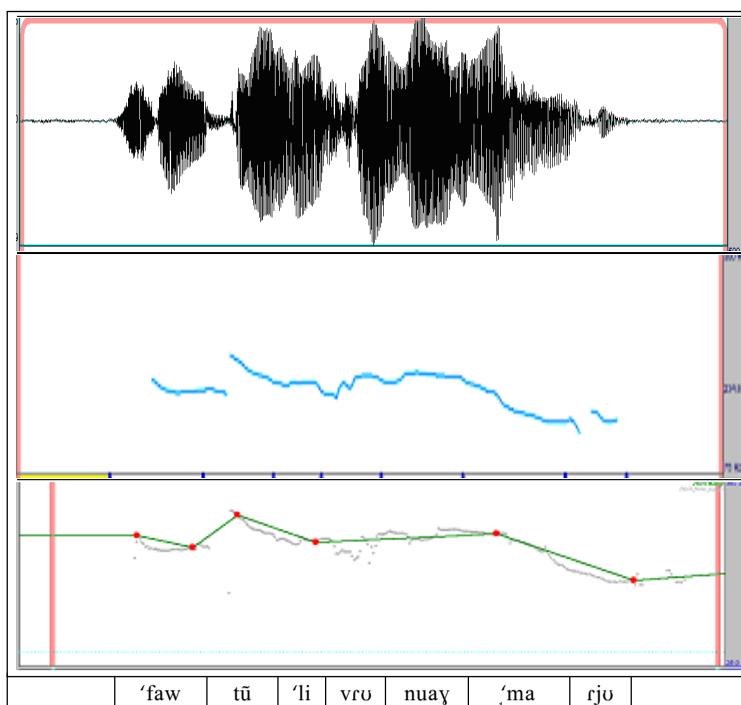


Figura 1. Forma de onda, curva de *pitch*, síntese feita pelo *Momel* e transcrição fonética da sentença “Falta um livro no armário”

2 Os resultados

Vamos separar a apresentação dos resultados em duas seções: aqueles obtidos das sentenças formadas com verbos de VS obrigatório serão apresentados na seção 2.1 e os obtidos nos testes com verbos de VS não-obrigatório estarão na seção 2.2.

2.1 VS obrigatório

Começemos pelas sentenças produzidas no experimento de leitura.

TABELA 1 – Alinhamento dos eventos tonais no caso de VS obrigatório em frases lidas

Ordem VS Obrigatória								
Frase	Sujeitos		V		DP		PP	
			In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Tôn.	Fin. Tôn.
F1	S1F	Lida		(H)				
Deu o	S2A	Lida		(H)			(H)	
número	S3Si	Lida		(H)			(H!)	
na loto	S4Sa	Lida			(H)		(H)	
F2	S1F	Lida		(H)			(H!)	
Tem o	S2A	Lida			(H)		(H)	
coveiro	S3Si	Lida			(H)		(H)	
na cidade.	S4Sa	Lida		(H)			(H!)	
F3	S1F	Lida			(H)			(H)
Deu uma	S2A	Lida			(H)		(H)	
doença na	S3Si	Lida			(H)		(H)	
banana.	S4Sa	Lida	(H)				(H!)	
F4	S1F	Lida		(H)			(H)	
Tinha	S2A	Lida		(H)			(H)	
um luva	S3Si	Lida		(H)			(H!)	
no armário	S4Sa	Lida		(H)			(H)	

A Tabela 1 mostra que existem dois padrões entoacionais distintos para o VS obrigatório: em um deles, ligeiramente majoritário, com oito ocorrências, temos um evento tonal H alinhado com o final da sílaba tônica de V e outro evento H alinhado com o início da tônica do PP; no segundo padrão, com cinco ocorrências, temos um evento tonal H alinhado com o início da tônica do DP e um outro evento tonal H alinhado com o início da tônica do PP. É notável a consistência da presença de um evento tonal sobre o PP (em 15 das 16 elocuições), mais especificamente de um tom H alinhado com o início da tônica do PP (em 14 das 16 elocuições).

Pode-se observar ainda que esporadicamente temos também o primeiro evento tonal alinhado com o início da tônica do verbo ou o segundo evento tonal alinhado com o final da tônica do PP. Há apenas um caso de um só movimento sobre V.

Vejam os resultados do experimento de elicitación, apresentados na Tabela 2.

TABELA 2 – Alinhamento dos eventos tonais no caso de VS obrigatório em produção quase espontânea

Ordem VS Obrigatória								
Frase	Sujeitos		V		DP		PP	
			In. Tón.	Fin. Tón.	In. Tón.	Fin. Tón.	In. Tón.	Fin. Tón.
F1	S1F	Quase Esp.			(H)			
Deu o	S2A	Quase Esp.		(H)				(H)
número	S3Si	Quase Esp.		(H!)			(H)	
na loto	S4Sa	Quase Esp.	(H)				(H)	
F2	S1F	Quase Esp.		(H)		(H!)		
Tem	S2A	Quase Esp.		(H!)		(H)		
o coveiro	S3Si	Quase Esp.			(H)		(H)	
na cidade	S4Sa	Quase Esp.		(H)			(H)	
F3	S1F	Quase Esp.	(H)					
Deu uma	S2A	Quase Esp.		(H)		(H!)		
doença na	S3Si	Quase Esp.			(H)			
banana	S4Sa	Quase Esp.			(H)			
F4 Tinha	S1F	Quase Esp.			(L)			(H)
(PP V DP)	S2A	Quase Esp.			(H)		(L)	(H!)
uma luva	S3Si	Quase Esp.			(H)			
no armário	S4Sa	Quase Esp.		(H)		(H)		

O que se observa agora é uma variedade bem maior de tipos de movimentos. Os padrões identificados na leitura aparecem aqui, mas não são mais padrões majoritários: há apenas dois casos de evento tonal H alinhado com o final da tônica de V somado a um evento tonal H no início da tônica do PP e um único caso de evento tonal H alinhado com o início da tônica do DP somado a H no início da tônica do PP.

É verdade que a presença de um evento tonal H no final da tônica de V ainda é preponderante, mas não há mais a co-ocorrência deste evento com um H no início da tônica do PP. No entanto, vê-se a co-ocorrência deste evento H no V com um outro H no final da tônica do DP em quatro casos, essa seqüência de eventos forma um padrão inexistente na leitura. Por outro lado, temos agora um contorno que não apareceu no experimento de leitura: um único evento tonal H no início da tônica do DP, com quatro ocorrências. Esses resultados confirmam a tendência, mencionada na literatura por autores como Esser (1988), de a fala lida apresentar um padrão mais regular que a fala espontânea (ou quase espontânea), ou seja, na fala espontânea os falantes escolhem mais livremente os eventos tonais de sua elocução.

2.2 VS não-obrigatório

Examinemos os resultados advindos da leitura de VS não obrigatório, mostrados nas Tabelas 3 e 4 (respectivamente de fala lida e fala quase espontânea):

O primeiro ponto a ser notado aqui é a presença de um evento tonal complexo alinhado com a sílaba tônica de V quando há uma sílaba átona iniciando o verbo, um padrão recorrente entre os informantes – aparece em 7 das 16 ocorrências possíveis. Este evento complexo não ocorre em um dos casos que satisfaz esta descrição (quando o verbo é *nasceu*), caso em que, com ou sem movimento tonal sobre o verbo, os informantes realizam um evento tonal H no início da tônica do DP, o que acontece esporadicamente também com outros verbos. É prematuro tentar avançar alguma generalização mais robusta, mas o fenômeno é digno de nota e merece estudo posterior.

Este padrão é completado pela presença de um evento tonal H alinhado com o início da sílaba tônica do PP em seis das sete ocorrências.

TABELA 3 – Alinhamento dos eventos tonais no caso de VS não obrigatório em frases lidas

VS não obrigatório									
Frase	Sujeitos		V		DP			PP	
			In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Pret	In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Tôn.	Fin. Tôn.
F1	S1F	Lida		(H)		(H!)			
Nasceu o	S2A	Lida	(H)			(H)		(H)	
menino	S3Si	Lida				(H)		(H)	
no sítio	S4Sa	Lida				(H)		(H)	
F2	S1F	Lida	(L)	(H)				(H!)	
Surgiu o	S2A	Lida	(L)	(H)				(H!)	
marido	S3Si	Lida	(L)	(H)				(H!)	
na festa	S4Sa	Lida	(L)	(H)				(H)	
F3	S1F	Lida		(H)				(H!)	
Faltou o	S2A	Lida					(L)	(H)	
aluno na	S3Si	Lida	(L)	(H)				(H!)	
reunião	S4Sa	Lida	(H)					(H)	
F4	S1F	Lida	(L)	(H)				(H!)	
Surgiu	S2A	Lida	(L)			(H)		(H!)	
um cometa	S3Si	Lida	(L)	(H)			(H)		
no céu	S4Sa	Lida	(L)		(H)			(H!)	
F5	S1F	Lida		(H)				(H!)	
Falta	S2A	Lida		(H)				(H)	
um livro	S3Si	Lida		(H)				(H!)	
no armário	S4Sa	Lida		(H)				(H!)	

Nos casos em que não ocorre evento tonal complexo sobre o verbo, é um tom H alinhado com o final da sílaba tônica de V e um outro H alinhado com a tônica do PP que constituem o padrão – executado por todas as informantes na leitura da última sentença.

Observemos agora os resultados das produções quase espontâneas: em um total de 20 possibilidades de construções com VS não obrigatório, doze delas apresentaram a ordem VS e oito, a ordem SV, conforme mostrado nas Tabelas 4 e 5, respectivamente.

Novamente, o que se observa é uma variedade maior de padrões, ainda que os padrões básicos isolados na situação de leitura reapareçam aqui em alguma medida. Note-se, todavia, que eles não são mais majoritários: o evento bitonal alinhado com a sílaba tônica de V só está presente em três dos 16 casos possíveis em princípio – “casos possíveis” aqui são aqueles em que há uma sílaba átona no início de V que poderia portar o tom L. É preciso dizer no entanto que em oito deles a ordem escolhida foi SV e não VS. Por outro lado, o padrão que era secundário na leitura, aquele que apresenta um evento tonal H alinhado com a tônica de V e outro evento H alinhado com a tônica do PP, agora aparece em cinco dos doze casos em que se realizou VS.

TABELA 4 – Alinhamento dos eventos tonais no caso de VS não obrigatório em produção quase espontânea

VS não obrigatório: ordem VS preferida								
Frase	Sujeitos		V		DP		PP	
			In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Tôn.	Fin. Tôn.
F1	S1F	Quase Esp.		(H)				
Nasceu	S2A	Quase Esp.		(H)				
o menino	S3Si	Quase Esp.		(H!)			(H)	
no sítio	S4Sa	Quase Esp.		(L)	(H!)		(H)	
F2	S1F	Quase Esp.						
Surgiu	S2A	Quase Esp.						
o marido	S3Si	Quase Esp.	(L)	(H)			(H)	
na festa	S4Sa	Quase Esp.	(L)	(H)			(H)	
F3	S1F	Quase Esp.						
Faltou	S2A	Quase Esp.						
o aluno	S3Si	Quase Esp.						
na reunião	S4Sa	Quase Esp.		(H)			(H!)	
F4	S1F	Quase Esp.						
Surgiu	S2A	Quase Esp.						
um cometa	S3Si	Quase Esp.	(L)	(H)		(H)		
no céu	S4Sa	Quase Esp.						
F5	S1F	Quase Esp.		(H)			(H)	
Falta	S2A	Quase Esp.		(H)			(H)	
um livro	S3Si	Quase Esp.		(L)	(H)		(H!)	
no armário	S4Sa	Quase Esp.		(H)			(H!)	

O mais surpreendente, no entanto, não é o número ou tipo de padrões entoacionais, mas o fato mesmo de os informantes realizarem tantas sentenças com ordem VS quando em princípio este não seria um caso de VS obrigatório. Na verdade, observamos que F5, a última sentença da Tabela 4, ainda que apresente um verbo que admita tanto SV quanto VS, como prova F3, é efetivamente uma sentença que só admite VS (a sentença com ordem SV – *um livro falta no armário* – é, por razões pouco claras, muito marginal, para não dizer completamente agramatical).

É preciso frisar que as sentenças não foram apresentadas aos informantes na ordem em que estão sendo discutidas aqui, mas estavam misturadas umas às outras, de modo que este resultado não pode ser influência simples de um padrão veiculado por outras sentenças. A conclusão inescapável é que VS é ainda uma opção real para os falantes quando confrontados com certos tipos de verbos em certas situações discursivas.

Examinemos finalmente os resultados das sentenças SV exibidos na Tabela 5.

TABELA 5 – Alinhamento dos eventos tonais no caso de VS não obrigatório com ordem SV preferida em produção quase espontânea

VS não obrigatório: ordem SV preferida										
Frase	Sujeitos		DP			V			PP	
			In. Pret.	In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Pret.	In. Tôn.	Fin. Tôn.	In. Tôn.	Fin. Tôn.
F1	S1F	Quase Esp.								
O menino nasceu	S2A	Quase Esp.								
no sítio	S3Si	Quase Esp.								
	S4Sa	Quase Esp.								
F2	S1F	Quase Esp.				(H)				
O marido surgiu	S2A	Quase Esp.				(H)			(H)	
na festa	S3Si	Quase Esp.								
	S4Sa	Quase Esp.								
F3	S1F	Quase Esp.				(H)			(H)	
O aluno faltou	S2A	Quase Esp.		(L)			(H)			
na reunião	S3Si	Quase Esp.		(L)		(H)			(H)	
	S4Sa	Quase Esp.								
F4	S1F	Quase Esp.		(L)			(H)		(H)	
Um cometa surgiu	S2A	Quase Esp.		(L)			(H)			
no céu	S3Si	Quase Esp.	(H)				(H)		(H)	
	S4Sa	Quase Esp.								
F5	S1F	Quase Esp.								
Um livro faltou	S2A	Quase Esp.								
no armário	S3Si	Quase Esp.								
	S4Sa	Quase Esp.								

O que chama imediatamente a atenção é a presença de um evento tonal em V em todas as elocuições da ordem DP-V-PP, seja alinhado com a sílaba tônica, seja alinhado com a pré-tônica. Este evento tonal H pode co-ocorrer com um L alinhado com o início da tônica do DP sujeito e/ou com um H no início da tônica do PP. O número de sentenças é pequeno para permitir generalizações de grande porte, mas pelo menos uma afirmação pode ser sustentada: o padrão entoacional que subjaz às sentenças SV é bastante diverso do que subjaz às sentenças VS.

Há ainda uma observação interessante a fazer sobre a entoação das sentenças SV que, por conterem sempre um PP aqui, bem poderiam se fazer passar por uma sentença SVO. No entanto, não é o que se observa. Novamente, o número de dados é pequeno, o que não permite afirmações categóricas, mas a comparação de qualquer dos padrões que se vêem nestas elocuições com o que aparece descrito na literatura como o padrão entoacional das sentenças SVO (cf. MORAES, 1998 ou TENANI, 2002) parece apontar que a fonologia sabe bem que está frente a uma sentença com um verbo monoargumental.

3 Primeiras conclusões

Vamos retomar aqui as questões colocadas na Introdução e discutilas à luz dos resultados apresentados na seção anterior:

Questão 1: Existem dois padrões entoacionais na produção de VS?

A resposta é que existem na verdade vários padrões entoacionais na produção de VS. Observando o conjunto todo de elocuições, sejam elas produções quase espontâneas ou fruto de leitura, podemos identificar pelos menos dois padrões gerais: um exibe um evento tonal H alinhado com a sílaba tônica de V (podendo ser precedido por um evento tonal L na mesma sílaba se há uma sílaba átona iniciando o verbo) e outro evento tonal H alinhado com o início da sílaba tônica do PP. Um segundo padrão apresenta um evento tonal H sobre a sílaba tônica do DP e eventualmente este evento também co-existe com um evento tonal H alinhado com a sílaba tônica do PP.

Questão 1.1: Se sim, eles se correlacionam com a diferença entre VS obrigatório e VS não obrigatório?

A resposta é negativa: os mesmos tipos de padrão que se observam entre as produções de VS obrigatório se observam igualmente nas produções de VS não obrigatório. Inegavelmente há uma diferença significativa em nossos resultados entre os dois tipos de VS por conta da presença do evento tonal complexo LH nas sentenças com VS não obrigatório, mas possivelmente esta presença se deve a razões independentes, pois se liga ao fato de existir uma sílaba átona no início dos verbos com

VS não obrigatório, casualmente inexistente nos casos de VS obrigatório. Este é um ponto que uma pesquisa futura deve investigar.

Questão 1.2: Se sim, eles se correlacionam com a diferença entre frase lida e produção quase espontânea?

Também aqui a resposta é negativa. É verdade que existe uma diferença em termos de número de padrões nas produções fruto de leitura ou quase espontâneas, mas os padrões encontrados na leitura também aparecem nas produções quase espontâneas, e isso ocorre com os dois tipos de VS.

Questão 1.3: Se sim, a prosódia do PP se diferencia nos contextos de VS obrigatório e de VS não obrigatório?

Não com o tipo de VS. A presença de um evento tonal H alinhado com a sílaba tônica do PP é talvez o traço mais uniforme de todos os resultados obtidos aqui: praticamente todas as realizações das sentenças lidas apresentam um tal evento. A rigor, este não é um resultado surpreendente, por duas razões distintas: o PP ocupa sistematicamente a posição final da sentença e este é um lugar em que a presença de certos movimentos de *pitch* indicam o tipo da frase – uma declarativa; além disso, se o PP é um adjunto, como parece ser o caso em pelo menos parte das sentenças aqui examinadas, é de se esperar que ele apresente algum tipo de relevo frente ao resto da sentença, visto que sua presença não é obrigatória sob o ponto de vista da sintaxe e, assim, se ele está presente, é porque alguma razão de cunho discursivo assim o exige – e, como se sabe, a entoação é sensível às exigências discursivas..

Também no VS não obrigatório em sentenças quase espontâneas, observa-se que os resultados mostram um alto percentual de movimentos sobre o PP no início da sílaba tônica (de doze sentenças com ordem VS, nove apresentaram movimentos sobre o PP).

Questão 2: SV é de fato preferida a VS nos contextos testados?

Curiosamente, a resposta é não, aparentemente contrariando tudo o que tem afirmado a literatura pertinente: das 20 elocuições de VS não obrigatório, 12 exibem VS e 8 exibem SV. No entanto, uma observação mais cuidadosa dos dados nos permite afirmar que eles constituem em sua maioria exatamente o que é, na literatura, o contexto favorecedor de VS: verbos inacusativos em situação apresentacional. Assim, ainda que VS em nosso experimento seja a ordem predominantemente escolhida por nossos informantes, não é possível dizer que este resultado seja inesperado: a expectativa é exatamente esta, dadas as características das situações testadas.

Finalmente, gostaríamos de salientar que os cuidados tomados na montagem do *corpus* possibilitaram o controle de parâmetros que

poderiam estar condicionando as variações apresentadas; em particular, a coleta de frases mais espontâneas nos fez chegar a um *corpus* para análise bastante adequado. O próximo passo será então aumentar o número de informantes aos quais aplicar a bateria de testes, a fim de aumentar igualmente a margem de segurança de que os resultados aqui obtidos são reais e serão corroborados por qualquer experimento do mesmo tipo.

No entanto, em experimentos futuros, ainda devemos averiguar em que situações exatamente obtemos os eventos tonais complexos sobre o DP sujeito frente aos eventos tonais simples, possibilidades aqui já observadas e que por hipótese se relacionam com a presença de uma sílaba átona inicial em V.

Referências

- BERLINCK, Rosane de Andrade. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. 1988. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.
- COELHO, Izete L. *A ordem VDP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ESSER, Jürgen. *Comparing Reading and Speaking Intonation*. Amsterdam: Editions Rodopi B.V., 1988.
- FROTA, Sônia. *Prosody and focus in European Portuguese*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa.
- HIRST, D.; DI CRISTO, A. (Ed.). *Intonation systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- KATO, Mary A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no Português do Brasil. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, 2000.
- _____. The reanalysis of unaccusative constructions as existentials in Brazilian Portuguese. *Revista do GEL*, n. especial, 2002.
- KATO, Mary; TARALLO, Fernando. Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no GURT 1988, Washington, 1988.
- _____. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: SCHLIEBE LANGE, B.; KOCH, I.; JUNGBLUTH, K. (Ed.). *Dialogue between Schools: sociolinguistics, conversational analysis and generative theory in Brazil*. Münster: Nodus Publicationen, 2003.
- LADD, D. Robert. *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MORAES, João. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D.; DI CRISTO, A. (Ed.). *Intonation systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- TENANI, Luciani. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.